

**FAC UNICAMPS - FACULDADE UNIDAS DE CAMPINAS / REDE JURIS  
CURSO SEQUENCIAL SUPERIOR DE GESTÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA**

**ROSANA MARA DA SILVA PEIXOTO**

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SEGURANÇA PÚBLICA**

**LUZIÂNIA 2013**

**CURSO SEQUENCIAL SUPERIOR DE GESTÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA****ROSANA MARA DA SILVA PEIXOTO****A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SEGURANÇA PÚBLICA**

Esse trabalho de conclusão de curso (TCC) faz uma relação sobre a influência da mídia no sistema público de segurança e aponta onde a mídia pode colaborar para o melhor desempenho na prestação desses serviços para a população.

Professor orientador: Fábio Faustino Araújo

**LUZIÂNIA 2013**

### **Dedicatória (Em memória)**

Dedico a conclusão desse curso à pessoa sempre foi meu porto seguro, meu alicerce e meu exemplo, Maria Rosa. A avó que foi a melhor mãe do mundo, e me criou desde os dois meses de idade. A pessoa que mais foi dedicada e me amou, sem ela eu não seria nada.

Dona Maria, você me deu apoio e liberdade para tomar todas e quaisquer decisões na minha vida. Me ensinou que pelas consequências dos meus atos, apenas eu responderia, e que minha imagem estaria para sempre ligada às minhas escolhas. Graças à você mãezinha, eu optei pelas melhores escolhas, que quase nunca foram as mais fáceis. Nada na minha vida seria possível sem você, sem seu exemplo de mãe, mulher e pessoa que você sempre foi.

Mãezinha, essa conclusão de curso quer dizer que nós conseguimos, não foi e nunca será fácil, mas tem algo que aprendi com você é, que a vida é difícil, mas vale a pena ser vivida.

Descanse em paz, sinto sua falta a cada conquista para comemorar ao meu lado, mas tenho certeza que você está em um lugar melhor e olhando por mim em todo momento. Você é a melhor pessoa que conheci até hoje, sua caridade, simplicidade, humildade e sabedoria merecem ser lembrados por toda a minha vida, e eu o farei.

Te amo mãe, para sempre no meu coração te levarei, obrigada por tudo é muito pouco se comparado a tudo que você me deu e fez.

## **Agradecimentos**

Obrigada Deus por dar a mim a oportunidade de mais essa conquista na minha vida, sei que nos momentos mais difíceis sempre pude contar com o seu amor, jamais precisei pedir nada, pois você nunca deixou faltar, só tenho a agradecer. Minha fé é maior que o impossível e minha gratidão pelo seu amor é eterna.

Tenho as melhores irmãs do mundo, cada uma com sua diferença, mas todas com o mesmo amor e respeito pelo meu jeito de ser, sem vocês maninhas eu não seria nada. Cada uma tem uma característica, entretanto são iguais em algumas qualidades: inteligentes, fiéis, alegres, protetoras, dedicadas e brutas. Tenho muito orgulho das mulheres que vocês se tornaram e por ter vocês na minha vida. Se algum dia cambalear não temerei, pois sei que caso eu caia vocês estarão lá para me amparar. Obrigada Elismar, Andreia, Adriana e Monica, amo respeito e admiro muito vocês.

Agradeço também aos meus sobrinhos que são minha alegria, agradeço por entenderem quando eu disse que não podia brincar ou emprestar o computador, por cada beijo, cada sorriso, abraço e carinho, vocês não tem ideia do quanto eles me fazem bem. São meu orgulho e meu amor.

Eu sempre escolhi meu destino e decidi o que é melhor para mim, existem duas mulheres que contrariadas aceitam isso. minhas mães:

Maria Aparecida, com quem eu brigo mês sim e outro também, mas com quem sei que posso contar em qualquer momento da minha vida, entre tapas e beijos você está lá quando preciso.

Maria das Graças, de quem sei que tenho diariamente orações e colo. Madrecita você me acolhe e sem nenhuma obrigação me atura e dá todo o amor.

Tive na minha vida as melhores Maria's do mundo.

Sou distraída e ausente, mas acima de tudo sou consciente do amor de vocês e do quão abençoada sou por ter cada um na minha vida.

## Sumário

Dedicatória.....	3
Agradecimentos.....	4
Introdução.....	7
Bibliografia.....	14

## **1. Introdução**

O Brasil é conhecido internacionalmente pela falha em seus sistemas de justiça, isso vem desde a averiguação e investigação de um crime até a condenação e retirada da pena ou julgamento. A justiça brasileira é popularmente conhecida como lenta.

Uma das principais tarefas da imprensa é representar os direitos e interesses da população, através dela o povo ganha voz e ouvidos. Entre outros direitos previstos em constituição estão o de informação e segurança, direitos que estão ligados e sem o qual é impossível viver dignamente. A imprensa tem um papel importante e busca ajudar na melhoria do desempenho da Segurança Pública.

Palavras passe:

Segurança, pública, imprensa, mídia, direitos.

## 2. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SEGURANÇA PÚBLICA

O aumento da criminalidade no Brasil é uma grande preocupação, as pessoas estão prisioneiras em seu próprio lar, principalmente nas grandes metrópoles. Os pais não podem mais deixar seus filhos correrem pelas ruas, brincarem em parques sem o receio e preocupação de que algo ruim lhes aconteça. O trabalhador vai para o trabalho cedo com medo do trajeto, quem fica em casa trata logo de trancar sua casa, os domicílios têm cada vez menos quintais e grades na tentativa de dificultar a entrada de criminosos. Em busca de segurança, quem acabam sendo aprisionados são os moradores. Os comércios chegam a invadir a privacidade de seus clientes de tantas câmeras que instalam.

Todas essas medidas, preocupações e atitudes pela busca de maior segurança é o que previu Odalia.

O mundo torna-se menor, e o isolamento familiar, assegurado atrás de pesados portões e protegidos por uma parafernália eletrônica- único contato com o mundo exterior- revela com nitidez que casa hoje é menos compreendida como lugar de repouso e tranquilidade, uma ligação amorosa com exterior, preocupação constante e diurna. ODALIA 1983, p. 12

Essa sensação de insegurança aumenta assim como as estatísticas de criminalidade, cabe aos veículos de comunicação tornar público esses números e notícias, pois eles desempenham uma tarefa que é vista como alarmante, entretanto esse alarme serve também para as pessoas se precaverem mais, esse alarde não é visto com bons olhos pelos governantes, pois eles são os responsáveis pela segurança pública e não querem que sejam apontadas suas falhas e ineficiência.

O sucesso do sistema de segurança acontece quando os serviços públicos estão em bom desempenho de suas funções. A imprensa tem a função de investigar, apontar os erros e sugerir possíveis soluções, em especial o jornalismo investigativo, pois ele tem a função de descobrir informações ocultas. O que vai de acordo com o que pensava McLuhan:

Assim com a página do livro apresenta a estória interior das aventuras mentais do autor, a página do jornal apresenta a estória interna da comunidade em ação e interação. É por esta razão que a imprensa parece estar desempenhando mais fielmente seu papel justamente quando apresenta o lado sujo das coisas. Notícia é sempre má notícia- má notícia a respeito de alguém ou para alguém. Em 1962, quando Mineápolis ficou

meses sem jornal, o chefe de polícia declarou: “Claro. Senti falta de notícias; mas no que se refere a minha tarefa em particular espero que não voltem mais a circular: há menos crimes quando os jornais não se põem a circular ideias. MCLUHN, p. 232.

Toda forma de violência deve ser levada em consideração, seja ela mental, física ou psicológica, e pensando dessa forma até mesmo o sistema de segurança pública a pratica. O governo quando se omite da obrigação com o cidadão, pratica violência mental e psicológica, por medo, estresses e preocupações.

Quando um pai de família não consegue trabalho para manter a dignidade, quando os filhos não conseguem vagas nas escolas, quando falta alimento nas panelas de qualquer brasileiro, este está sendo vítima de um ato violento e cabe ao sistema público evitar que isso aconteça. Se ele se omite está em desacordo com a lei, quando isso acontece é missão do jornalismo evidenciar esses atos contra a dignidade do povo e lutar ao seu lado por seus direitos.

O homem torna-se por toda parte mais sensível à violência sob todas as suas formas – incluindo as formas “latentes”, tais como a miséria, a humilhação e a injustiça, que durante muito tempo foram consideradas, até pelas vítimas, como fazendo parte da natureza das coisas BURNET, p. 21

Quando os órgãos falham ou se omitem, o dever da imprensa é tornar publico ou dar voz à população. Um jornalismo ético deve dar preferência a uma notícia que leve benefício ao povo, independente de que repercussão a matéria terá.

A mídia deve satisfazer o interesse público, lutar pelos seus direitos e mostrar o que é melhor para a sociedade. Não devem ser foco de uma empresa jornalística os benefícios financeiros e sim a verdade e a justiça.

Cabe ao jornalismo, mostrar o que é bom para a sociedade, independente do que pede o mercado ou aponta o ibope. Sua função seria a de fornecer elementos para a evolução da vida em sociedade. Isso se confirmaria ao olharmos para o passado e percebemos que a evolução dos direitos teve determinada ordem e que o jornalismo acompanhou tudo isso. COELHO, p. 35.

A imprensa já foi um meio de comunicação receptivo, mas com a evolução e as novas mídias, os receptores se transformaram também em emissores, eles apresentam suas ideias e necessidades e cabe a mídia e representar os cidadãos.



As pessoas querem cada vez mais ser ouvidas, e cada vez mais lutam por seus direitos. Com os avanços tecnológicos o cidadão pode acompanhar gráficos, números e arquivos, o que antes era de difícil acesso. Qualquer pessoa consegue, caso queira, saber se aumentou ou diminuiu o índice de violência e crimes, esses dados estão disponíveis em sites da Secretária de Segurança pública e de outros órgãos competentes. Um morador pode ter acesso à informações que o ajudem a não transitar, por exemplo, por locais em horários de grande risco, lugares com grande número de antecedentes criminais. Mas não é hábito dos brasileiros essa busca por informações e dados, essa função geralmente é desempenhada pelos jornais.

Se um veículo de comunicação, por exemplo, se recusa a transmitir uma matéria, o próprio telespectador pode procurar mais informações a respeito em meios e veículos alternativos como a internet por exemplo.

O estudo da Mídia dentro desta perspectiva ressalta o processo evolutivo da mudança social. Isto é, fiscaliza a acumulação de traços tecnológicos da cultura. Ressalta a invenção de veículos de comunicação com novas configurações desses traços. Acompanha a transformação deles de meros recursos técnicos, comente conhecidos de alguns, para formas capazes de serem utilizadas pela multidão. Traça seus padrões de difusão pela sociedade e estuda curvas obsoletas, à medida que vão sendo substituídos por alternativas. DEFLEUR, p. 138.

Na segurança pública, essa sociabilização e interação agem como um propulsor para que os serviços sejam prestados com mais clareza e agilidade. As pessoas deveriam se inteirar e participar mais do sistema público, até mesmo de oficinas e palestras que são oferecidas por alguns departamentos de segurança, como é o caso, por exemplo, do Departamento Nacional de Transito (Detran), que oferece constantemente cursos e orientações de como dirigir e se resguardar de acidentes, assaltos e sequestros. A televisão mostra, por exemplo, um crime, o próprio cidadão pode acompanhar o desfecho dos acontecimentos e reivindicar um rumo diferente para o acontecimento.

A televisão realiza sua função socializadora, intencional ou involuntária, fundamentalmente mediante o entretenimento, mediante o relato. E o relato socializa mediante processos de associação ou transferência que conferem às realidades representadas (pessoas, instituições e crenças) valores emocionais positivos ou negativos, conforme os casos. O espectador tende a interiorizar as realidades vistas na telinha associadas com uma carga

emocional de signo positivo ou negativo. É esta carga emocional o que confere significação, valor ou sentido a estas realidades. FERRÉS, p. 63.

A mídia é quase sempre apontada como sensacionalista para que perca um pouco da sua credibilidade, não é interessante para um sistema público e seus governantes que seus erros sejam mostrados, e é exatamente essa a função da imprensa. Por isso sempre que possível tentam deixar as notícias menos críveis, na expectativa de que a população não enxergue o quanto os sistemas públicos deixam a desejar.

Não se pode negar que a mídia dita os assuntos a se discutir, e quando esses não são interessantes para políticos, essas notícias passam a ser um obstáculo em suas carreiras, por isso muitos consideram a notícia como inimiga. Essa imprensa que muitas vezes é vista com maus olhos por algumas autoridades, tem um compromisso público com seus leitores, ouvintes ou telespectadores, são os interesses deles que tem prioridade, além, é claro, do compromisso com a verdade e imparcialidade. Se há uma falha ou descumprimento de órgãos público, lógico que os jornais têm o dever de noticiar. Os jornais e revistas evidenciam o desamparo que o povo tem, e que diante dessa consciência lutam contra.

O cidadão tem consciência do seu desamparo, não acredita nos órgãos que deveriam resguardá-lo, protege-lo e os imagina definitivamente incapazes e obsoletos; teme a polícia e reconhece o colapso completo da justiça criminal e do subsistema penitenciário. Vê corrupção e envolvimento com o crime organizado em todos os setores criminal. Acredita na irreversibilidade dessa situação calamitosa. Sente que o crime é compensador. BROCHADO, p.38.

A função da mídia quando bem desempenhada, anda lado a lado com o interesse público, que é melhoria nos serviços que lhes são prestados. Mostrar onde está a falha, apresentar soluções e acompanhar os resultados estão entre as principais funções da mídia, mas ainda há muito o que rever para que esse objetivo seja atingido e essa função plenamente desempenhada.

Os jornais não conseguem ainda total liberdade, seja por censura ou por interesse de pessoas que ganham com a omissão desse descaso. Na segurança pública falta espaço físico, armamento, pessoal, treinamento, assistência. A falta disso tem levado insegurança aos lares e ruas do Brasil e quando o jornalismo mostra o reflexo disso - que são mais mortes, assaltos, sequestros, tráfico e assassinatos - é chamado de sensacionalista, quando na verdade nada mais está

fazendo do que desempenhar seu papel, que é mostrar a realidade, afinal a imprensa não comete ou mente sobre os crimes, ela apenas mostra e evidencia.

Esse tipo de jornalismo ainda não está cumprindo sua função social numa dimensão desejada, pois as instituições brasileiras, na maioria das vezes, não corrigem os erros apontados pelas reportagens investigativas. SERQUEIRA, p. 1

A informação chega aos leitores e ouvintes com força e rapidez, mobilizando e unindo em busca de uma solução ou resposta. Quando uma rebelião vira notícia, ela está mostrando o desapontamento de presos quanto a qualidade das instalações; Quando a polícia entra em greve, está evidenciando o baixo salário e falta de reconhecimento. As falhas e necessidades existem, elas estão ali, porém, normalmente ficam por baixo dos panos, e apenas ganham maiores proporções e atenção quando veiculadas na mídia, assim os populares cobram do Estado soluções, isso demoraria ou não ganharia força se caísse no esquecimento ou fosse omitido. Lutar contra isso é o dever do jornalismo.

Na medida em que aumenta a velocidade da informação, a tendência política é a de afastar-se da representação e delegação de poderes em direção ao envolvimento imediato de toda a comunidade. Velocidade mais lentas da informação tornam imperativas a representação e delegação. Associados a essa delegação vêm os pontos de vista dos diferentes setores da opinião pública, que devem manifestar-se para serem levados à consideração do resto da comunidade. MCLUHAN, p. 230.

Quando as necessidades dos cidadãos, quando a segurança pública são destacadas através de matérias ou reportagens, fica nítido a deficiência quanto a falta de qualidade nos serviços prestados.

Se o povo tem a sensação de insegurança, significa que está havendo omissão nas obrigações dos governantes e responsáveis por esses serviços. Quase sempre eles apontam a mídia como causadora desse pânico, contudo, a notícia nada mais é que relato dos fatos.

Os brasileiros estão órfãos de um Estado que se preocupe cuide e proteja, precisa de mais investimentos e organização em todos os departamentos de serviços públicos, a prestação de serviço por parte dos governos têm deixado a desejar e a insatisfação está tomando conta dos cidadãos, isso fica claro em pesquisas de opinião e reivindicações. O sistema está precário e não é a mídia que

o denigre, ela apenas expõe o acontecido. A ineficiência está acontecendo e noticiar nada mais é do que pedir que providências sejam tomadas.

O efeito desejado como um traço marcante. Não seria suficiente a satisfação corporativista da polícia, do Ministério Público da magistratura com seus salários e com seus equipamentos de trabalho se o cidadão, com um sentimento claro, não se sentisse protegido. BROCHADO, p. 32.

Prestar apoio e assistência à comunidade é função do estado, ele é pago para tal feito através de impostos e é direito da população um serviço de qualidade. A mídia representa o povo nesse sentido, dando-lhe ouvido, olhos e boca, evidenciando as suas necessidades, mostrando as falhas e dando força às reivindicações sem jamais interferir no resultado natural dos eventos. Não são pedidos, são direitos de todos, é obrigação do sistema público zelar pela qualidade de vida, saúde, segurança e integridade do povo, cabe à imprensa assistir isso e tornar público quando essas responsabilidades não são respeitadas.

Como a gente viveu durante muito tempo sob uma ditadura, fica a imagem de que a abertura vem pela imprensa, mas essa não substitui a investigação da polícia, o papel do promotor, denunciando os erros sociais, nem o do juiz, no julgamento das mazelas sociais. Ela tem de investigar tendo como referência o produto do trabalho dessas áreas. O jornalismo presta serviço, não tem a menor dúvida, denunciando o que não funciona nessas áreas, mas não pode substituir o Estado. SEQUEIRA, p. 110

Ao negar a veracidade do que é noticiado, os responsáveis pela segurança pública estão na verdade admitindo a falha que há. Acontecem falhas e elas colocam em risco a integridade da população, quando a mídia age nesse sentido está fazendo seu papel de prestar à comunidade os assuntos de seu interesse, mesmo que essas notícias não sejam de interesse desses responsáveis. Ao invés de tentar calar a imprensa, cabe ao Estado sanar os problemas e acabar com a sensação de insegurança que paira sobre as pessoas, cabe a ele investir mais recursos nos sistemas de segurança para garantir o direito mais fundamental previsto em constituição, o da vida, pois dele decorrem todos os outros direitos.

A opinião que se tenta suprimir pela autoridade é possivelmente verdadeira. Quem deseja suprimi-la nega, obviamente, a sua verdade; mas não é infalível. Não tem autoridade para resolver a questão por toda a humanidade, e de retirar todas as outras pessoas os meios de ajuíza. Impede que uma opinião seja ouvida porque têm certeza de que é falsa e está a partir do

princípio de que a sua certeza é a mesma coisa que certeza absoluta. Todo silenciar de uma discussão constitui uma pressuposição de infalibilidade. MILL, p. 52.

A população tem demonstrado que está preocupada com o futuro do Brasil através de manifestações, reivindicações e greves, mas isso ainda é pouco, pois sem uma repercussão maior, os líderes de Estado não se manifestam ou dão atenção. Entra aí o papel do jornalismo, que é dar ênfase a esses pedidos e necessidades. A junção das pessoas aos meios de comunicação fortalece e evidencia as obrigações que o governo tem deixado de cumprir, o desempenho desses papéis mostram o que ainda falta para que o país tenha uma sociedade mais justa, segura e melhor de se viver.

Como se tem verificado com muita frequência, é comum que um grupo de pessoas, mais ou menos numeroso, se reúna em determinado lugar em função de algum objetivo comum. Tal reunião, mesmo que seja muito grande o número de indivíduos e ainda que tenha sido motivada por um interesse social relevante, não é suficiente para que possa dizer que foi constituída uma sociedade. DALLARI, p. 20.

Ficou evidente nos últimos meses que o povo não está satisfeito com a situação atual do Brasil e exige mudanças. Em um país democrático, é nas mãos dessas pessoas que está o poder, mas, mesmo com tantas expressões de insatisfação as autoridades ainda tentam se fazer de desentendidos e dizer que não sabe o que a sociedade está reivindicando. As reivindicações são simples, os direitos básicos previstos na constituição dentre os quais está o de segurança.

Sendo o estado Democrático aquele em que o próprio povo governa, é evidente que se coloca o problema de estabelecimento dos meios para que o povo possa extremar sua vontade. Sobretudo nos dias atuais, em regra são colégios numerosíssimos e as decisões de interesse público mais frequentes, exigindo uma intensa atividade legislativa, é difícil, quase absurdo mesmo, pensar-se na hipótese de constantes manifestações do povo, para que saiba rapidamente qual sua vontade. DALLARI, p. 152.

A força e capacidade de mudar o quadro atual de todo o sistema público está nas mãos do povo, que apesar de estar recentemente demonstrando o interesse por esses ajustes, não é suficiente para que mobilizar e modificar o Brasil. A união da população e a vontade de que o quadro atual mude está bastante visível e ganha ainda mais força com a repercussão nacional e internacional. As pessoas têm visto

que é na mão delas que está o poder e que é para elas que os governantes têm que trabalhar. O sistema público de segurança é considerado ineficiente se comparado com o desejo das pessoas, que é o de uma sociedade justa e segura, e o que elas almejam está nas mãos de cada uma e de todas ao mesmo tempo.

Ao dizer que se considera que as pessoas têm ambas as faculdades morais, dizemos que elas têm as capacidades necessárias, não só para envolver-se numa cooperação social mutuamente benéfica durante a vida toda, mas também para horários termos equitativos dessa cooperação por eles mesmos. Rawls, p. 26.

Cabe à imprensa mostrar os problemas e soluções, não apenas mostrar os crimes e suas consequências. Se a mídia apenas apresentar as barbáries, não estará cumprindo com o seu papel, que é lutar junto com a massa por uma sociedade melhor. Lógico que não noticiar os fatos seria omissão, por isso tem de haver um consenso entre o que acontece e o que é de interesse público, apenas noticiar seria nada mais do que incentivar o caos e a violência.

Esse formidável marketing da violência que nos atinge, nos envolve e nos transforma, altera, também o comportamento da polícia na sua atividade como público que deve servir e, principalmente, como agressividade reativa, com os bandidos. BROCHADO, p. 73.

A violência gera um sentimento de dependência e abandono, as pessoas se sentem carentes e dependentes de ações do estado, que por vezes se omite na solução desses problemas. Deixar a desejar na segurança, por exemplo, distrai a atenção que seria dispersa para outros assuntos, como política por exemplo. Ao se preocupar com a própria segurança, diminui a preocupação com saúde, cultura, lazer e diminuem também as cobranças.

A violência contemporânea encontra-se no cruzamento do social, do político e do cultural do qual ela exprime corretamente as transformações e a eventual desestruturação, podendo transitar de um registro a outro, o exemplo, ser o princípio social de se elevar ao nível político, ou ao contrário, construir uma privatização onde os problemas políticos, tornam-se puramente econômicos, ou ainda passar de frustrações sociais a um esforço para mobilizar recursos culturais sob uma forma metapolítica. CERQUEIRA, p. 3.

É dever da imprensa como um modo geral lutar ao lado da sociedade para que seus direitos sejam respeitados, cabe a ele evidenciar e jamais se omitir perante a falta de justiça com o cidadão. É dever dos estados e se as pessoas deixarem de

lutar contra o que não acham certo o país voltaria a viver um uma ditadura onde a repressão dominaria e o medo voltaria a conviver em seus lares, para que isso não aconteça a imprensa nunca pode se calar e deixar de dar ouvido e voz à sociedade, esse é uma obrigação e dever e está explicitado no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

A imprensa deve continuar ao lado do cidadão em defesa de seus direitos e buscando apenas o interesse público, apenas assim o Brasil será um país melhor de se viver e as pessoas terão uma vida digna.

Quando a Constituição foi elaborada, ela priorizou o interesse público e sua dignidade, mas para que isso aconteça a população brasileira tem que se mobilizar e continuar expressando sua indignação quanto ao descaso em que vivem hoje. Cabe a mídia continuar seu trabalho, que é mostrar essa expressão popular e fazer parte dessa batalha com integridade e sem omissões. A voz do povo potenciada com o poder da exposição que a mídia traz é a melhor maneira de se garantir que as necessidades básicas sejam prestadas como expresso no Art. 6º da Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988: *“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”*. Assim sendo é dever do estado zelar para que os direitos sejam garantidos e da mídia dar voz e atenção ao povo se isso não acontecer.

### 3. Referências bibliográficas

DE FLEUR, Melvinl. **Teoria da comunicação de massa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: Socializando através de comunicação despercebidas**. Porto Alegre: Atmed, 1998.

BURNET, Mary. **Meios de informação e violência**. São Paulo: UNESCO, 1971.

COELHO, Marco Antônio. VIEIRA, Oscar Vilhena. **Manual de mídia e direitos humanos**. São Paulo: Saraiva, 2001.

MCLUAH, Marshal. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1964/ 2006.

**Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**.

SEQUEIRA, CLEOFE MONTEIRO, **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

CERQUEIRA, Arnaldo. **A violência: um breve resumo**. Texto apresentado no decorrer do curso de pós-graduação na UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA-UCB.

BROCHADO, Joao Manoel simch. **Socorro...! Policia! Opiniões e reflexões sobre segurança pública**. Brasília: Universa, 1997.

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Portugal: Edições 70 , 2006.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do estado**. 27 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2007. 1931.

RAWLS John. **Justiça como equidade. Uma reformulação**. São Paulo: Martins Fortes, 2003.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)

Acesso em: 10/10/13

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/revista/rev\\_82/artigos/ManoelGoncalves\\_rev82.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/rev_82/artigos/ManoelGoncalves_rev82.htm)

Acesso em: 10/10/13

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

Acesso em: 10/10/13